

12-12-2023

ADIVINHAÇÕES

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Na adolescência, com uma bacia de bananas na cabeça, saracoteava pelas ruas de Trindade. Eu era um vendedor de bananas, certamente ainda sou. Um dia encontrei uma senhora com ar enigmático.

Esta senhora sem sorriso no rosto se tornou, naquela época, uma de minhas melhores compradoras. Com um olhar fundo cerzia as sobrancelhas espessas demarcando um gesto de intensidade. As linhas de sua testa abriam em sulcos profundos quando entonava a voz.

Era comum rastelar a língua com os lábios e, no mesmo ato, passar os dedos nos cabelos crespos e dispersos. As mãos, espalmadas, seguiam a linha da luz como se, com os gestos, fizesse um pacto com o sol.

Ela era o próprio enigma. Foi ela que me ensinou a adivinhar. Foi ela. Na primeira lição me adiantou que adivinhação não é presságio, chute, premeditação, fantasia, premonição. Muito menos leitura de bola de cristal. Adivinhação - disse num tom grave - é tomada de consciência do que não se sabe e nunca saberá. Depois, fui compreender: o que não se sabe gera o conteúdo espiritual para uma constante busca.

Ademais, o não saber, território infinito, é um ato de humildade básica e rudimentar da adivinhação. Eis a moral da arte. A segunda lição foi assustadora. Fui convidado a fechar os olhos e curtir, como se visse um filme de Akira Kurosawa, a solenidade do silêncio. No silêncio - disse a minha professora de adivinhação - povoa a flor primordial, essa que não possui forma e nem cheiro reconhecidos publicamente.

O silêncio de cada pessoa - insistia a minha professora de adivinhação - é a própria pessoa na sua potência desconhecida. É também o hemisfério de sua grandeza que não se repete em ninguém.

Naquela época, meu pai, dono de um depósito de bananas, lutava diariamente para pagar o aluguel. A sua camionete velha vivia na oficina de Seu Geraldo mecânico. Minha mãe, destemida, também estava na luta: fazia doce de queijada e o passava aos pequenos bares de Trindade efetivando uma espécie de consignação do baixo clero econômico. Se os bares vendessem o doce, a minha mãe pegava 30% das vendas; se não os vendessem, pegava-os de volta, não mais apetecível à degustação. Não me era possível, naquele quadro, saber o futuro, nem pensar muito o passado. Eu e a minha família queríamos viver. Foi aí que veio a terceira lição. Tive dificuldades para entender a terceira lição. Vamos a ela.

Na grande tradição dos adivinhos de Mileto, de Roma e também de Trindade-Go, está estabelecido que o futuro de uma pessoa reside em seus olhos. Entretanto, há que se reparar: o futuro de uma pessoa reside em seus olhos, não em seu olhar, pois o olhar é apenas luz; o olho é o sol. Ademais, os olhos possuem relações íntimas com o coração - e o coração de uma pessoa é o vaticínio de suas relações.

Vieram as lições, a quarta, a quinta, a sexta... Posso dizer agora que sou um profissional de adivinhação. Profissional, meus prezados e minhas prezadas, é apenas um modo de falar descabido, pois o que faço é desenvolver artesanias cósmicas. E toda a minha artesanaria se declara no haikai do poeta mineiro Joaquim Pedro: *CAMINHAR OLHANDO PARA O CHÃO / ME FEZ AVISTAR MAIS LONGE*.

Além disso, a adivinhação, segundo consta nos alfarrábios maias e na prosódia de Sebastião Madeiras, dona Fulika e dona Cleusides do Pastel, provém dos contadores de causos. Provém de roceiros simples, como foram o meu tio Zeca, o meu tio Bertino, o meu tio Pedro; de loroteiros das esquinas de cidades do interior; de tradições de povos de África, da Ameríndia e de Ásia; e de velhas senhoras bondosas que, no breu dos ermos, devotavam a sua vida ao modo do canto de Guimarães Rosa, para o qual *“O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando...”*. Hoje, depois de tantos anos que me iniciei nos rudimentos dessa arte cósmica, afirmo que a adivinhação é o repertório lúcido do sonho e da imaginação. Compreendo que qualquer adivinhação só pode vingar quando o adivinho põe os pés descalços sobre a terra. Por isso, é que o adivinho, como é o meu caso, não intenta sobrepor o que está nos olhos, mas interrogar o alcance do olhar. O adivinho não se contenta com a sua forma de olhar, quer sempre olhar o olhar. Quer ver o modo como se vê.

Quer abraçar o poeta Manoel de Barros: quer transver.

Correntemente, deixa a futurologia para os comentaristas de futebol, pois o que lhe interessa são os sinais do chão e do céu. Eventos como a intoxicação do solo e das águas; o desmatamento e a erosão genética; o aumento da temperatura e das chuvas torrenciais; a poluição do ar e, conforme teoriza a professora Gislaíne Cristina Luiz, o deserto atmosférico; a comida que adoce e causa o nutrídio, o que, enfim, gera a predação ontológica, conforme elabora Suely Rolnik, vigem e desafiam os olhos e o coração dos adivinhos da laia trindadense.

Por isso, o bom adivinho nunca esquece o que vivenciou. O seu talhe se faz qual a força do cinzel do escultor juntando memória e sonhos.

Aliás, se a vida humana se ergue no embate entre genética e cultura - pois a genética o tempo come e a cultura faz eternizar a memória - é sua tarefa restaurar diariamente o ponto de vista e não descolar-se do mundo concreto. Na maioria dos casos, é convidado a proceder como uma amiga: fazer análise e terapia para ser feliz no passado.

No passado, a nossa criança olha o mundo de maneira inaugural e esperançosa. A adivinhação, devo lhes dizer, não é receita de bem viver, muito menos um manual da vida; não é prática de conselhos.

É uma arte de vibrar no presente. E de luta pelo que é vital.

..... Pois bem!

Agora que a chuva chegou e o ano contorna a esquina, posso adivinhar que plantando coragem, você vai colher liberdade.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.